

## **A lógica do *nonsense*: Lacan, Frege y Carroll.**

### **The logic of nonsense: Lacan, Frege y Carroll.**

JOÃO FELIPE DOMICIANO

#### **RESUMO:**

O trabalho visa apresentar os modos pelos quais a noção de *nonsense* se inscreve na teoria lacaniana. Partimos de um diálogo de Lacan com o poeta e matemático Lewis Carroll, para denotar as derivações acerca do tema do sentido e do *nonsense* passando então ao seu recurso aos conceitos de sentido (*Sinn*) e significação (*Bedeutung*) tal qual propostos por Gottlob Frege, resultando na proposição de uma diferença entre *nonsense*, metonímia e metáfora – ponto de articulação com o trabalho anterior sobre a topologia dos grafos dos textos laterais a “O seminário sobre A carta roubada”.

**PALAVRAS-CHAVE:** sentido – *nonsense* – Lacan – Frege – Carroll.

#### **ABSTRACT:**

The work aims to present the ways in which the notion of nonsense is inscribed in Lacanian theory. We start from a dialogue between Lacan and the poet and mathematician Lewis Carroll to denote the derivations on the theme of meaning and nonsense, then moving on to his use of the concepts of sense (*Sinn*) and reference (*Bedeutung*) as proposed by Gottlob Frege. This results in the proposition of a distinction between nonsense, metonymy, and metaphor—a point of articulation with the previous work on the topology of graphs in the lateral texts to “The Seminar on The Purloined Letter”.

**KEYWORDS:** meaning – nonsense - graph – Lacan – Frege – Carroll.

#### **Introdução:**

“Eu não deformed corpos pelo prazer de deformá-los,  
mas para transmitir a realidade da imagem em sua fase mais aguda.”  
(Francis Bacon)

Este artigo representa uma síntese de uma pesquisa em curso, a partir de uma aposta em novas interlocuções aqui em APOLa, e além dela. O trabalho responde por um segundo movimento dentro de um grupo de pesquisas que coordeno na sede São Paulo, chamado “Fundamentos do Significante em Lacan”. Em 2023 nos dedicamos especialmente a “O seminário sobre ‘A carta roubada’”,<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Parte desta pesquisa está disponível no canal de APOLa São Paulo. Os passos de topologia sintetizados no número anterior de *O rei está nu*: Domiciano, J. F. (2024). *Proposta de leitura da formalização presente nos textos laterais a O seminário sobre “A carta*

partindo de duas frentes que respondem a uma espécie de síntese disjuntiva operada aí por Lacan, são elas: de um lado, o trabalho com a literatura de Edgar Allan Poe e, por outro, a formalização matemática presente na topologia dos grafos – sobre este último, que retomamos parcialmente à frente, há o registro de um saldo da pesquisa nas Jornadas Internacionais de 2023, publicadas na edição anterior de *O rei está nu*.

Neste contexto, a pesquisa sobre o pensamento de Poe e os possíveis atravessamentos deste com a lógica e a linguística, levou tal tópico a ganhar certa autonomia. Tratamos não apenas das experimentações de gêneros narrativos levadas a cabo pelo escritor americano, como também seu trabalho com a estrutura dos códigos e cifras, no escopo de uma sistematização da linguagem, que o alçam a um possível precursor do ideário estruturalista.<sup>2</sup>

Poe, assim como seu detetive Auguste Dupin, é tomado como alguém que transita entre a poesia e lógica. Estes são os mesmos atributos que compõem a **divisão** pela qual Lacan reconhece o grande valor de outro autor, no caso, Lewis Carroll. Para Lacan este se situa entre um sonhador, poeta, de um lado, e o lógico, professor de matemática, de outro.<sup>3</sup> E talvez nessa divisão, poderíamos dizer, encontremos um modelo de um percurso produtivo da formação de analista sob a égide do campo lacaniano, no sentido de um pé na **intensão** do discurso poético, outro pé na **extensão** da estrutura da linguagem.

Nesta passagem de Poe a Carroll temos ainda uma coincidência temporal na obra de Lacan: poucas semanas após a publicação dos *Escritos*, em que este colocou como condição abrir com o texto da carta roubada, Lacan vai à rádio francesa fazer uma apologia ao autor de *Alice*. Portanto, em 31/12/1966, temos a dita “Homenagem a Lewis Carroll”<sup>4</sup> – também em comemoração, um pouco tardia, ao centenário de sua publicação. Autor que logo em seguida, Lacan insiste ser um dos que “mais contribuem à psicanálise e aos seus praticantes”.<sup>5</sup>

Antes de entrar nos seus termos, vale situar tal autor: Lewis Carroll é o pseudônimo de Charles Dodgson (1832-1898), um romancista, poeta, curioso da recém inventada técnica fotográfica, mas acima de tudo um professor de matemática do *Christ College*, ligada à Universidade de Oxford – e além de ser um sujeito dedicado à religião católica, enquanto reverendo de uma comunidade anglicana.

De suas obras teóricas mais relevantes no campo da lógica – *The Game of Logic* (1887) e *Symbolic Logic* (publicação póstuma) – temos um trabalho um tanto conservador – com aulas

---

roubada” - do *Repartitório A-A à Rede  $\alpha, \beta, \gamma, \delta$* . Há ainda um texto que concentra os avanços sobre a relação de Lacan com Poe: *Perspectivas de O seminário sobre ‘A carta roubada’: Lacan leitor de Poe*.

<sup>2</sup> Pignatari, D. (1968). *Informação, linguagem e comunicação*. São Paulo: Cultrix.

<sup>3</sup> Lacan, J. (1966). Homenagem a Lewis Carroll. Em *Ornicar?*, n.º 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

<sup>5</sup> *Idem*. (1967/2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. p. 256.

reconhecidamente insossas –, na esteira de uma tradição aristotélica, fato ainda mais notório quando consideramos que foi coetâneo da época do “renascimento da lógica e da inauguração da formalização matemática”.<sup>6</sup> Falamos de alguém cujo trabalho esteve próximo de Boole, Venn e especialmente Frege, este responsável, como sabemos, ainda que sem reconhecimento à época<sup>7</sup> pela proposição de um sistema de representação simbólica para expressar formalmente a estrutura dos enunciados lógicos e suas relações, assim como a invenção do cálculo dos predicados. Carroll, neste meio, traz a proposta de uma linguagem simbólica, com fins de evitar ambiguidades – fato curioso a quem leu *Alice* –, que em alguma medida pode ser tomada como uma tímida precursora da matematização da lógica operada pelo próprio Frege.

Entretanto, é por sua obra literária que se fez notável. Mencionamos especialmente suas duas *Alices*: *Alice's Adventures in Wonderland* (1865) e *Through the Looking-Glass, and What Alice Found There* (1871), além de *Sylvie and Bruno* (1889) e *The Hunting of the Snark* (1876), pra citar algumas. Estas obras constituem, ao lado dos *Limericks* de Edward Lear, as principais representantes de um gênero fugaz, brevíssimo na história da literatura ocidental que é o *nonsense*.

Foucault (1966) assinala que literatura no século XIX procede uma ruptura com a retórica representacional – entre palavra e coisa –, entendendo então a linguagem como um sistema autônomo, condição para a organização da experiência sensível, e que teria particularidades intrínsecas em sua estrutura na produção de sentido<sup>8</sup> – por consequência disso, encontra-se um conjunto de experimentações estéticas e discursivas, de escrita e leitura, nos quais incluímos as obras de Poe e Carroll, assim como posteriormente o sistema semiológico psicanalítico.

### **Lacan in *Wonderland*: seu tributo a Carroll**

Em sua “Homenagem a Carroll”, Lacan questiona o efeito produzido por sua obra. Para este, ela “ilustra todo tipo de verdades”, levando a uma espécie de divisão no leitor que – afirma Lacan – apenas a teoria do sujeito em psicanálise alcança. Lacan dessa forma, assim como havia feito com Poe, recusa teses psicologizantes e biográficas como explicativas da força da escrita de Carroll – teorias que vão desde diagnósticos absurdamente selvagens, como de “esquizofrenia”, até outros mais amenos, como “um caso de Édipo não resolvido”, etc.. A ênfase está na lógica imposta pela letra de Carroll, por seu texto. Então, segue o psicanalista:

---

<sup>6</sup> Idem. (1966). Op. cit. p. 9.

<sup>7</sup> Costa, N. (1970). *Ensaio sobre os fundamentos da lógica*. São Paulo: Hucitec.

<sup>8</sup> Foucault, M. (1966). *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes Ed.

A curiosidade se encarrega de saber como ele conseguiu isso [...] o segredo diz respeito à rede mais pura de nossa condição de ser: o simbólico, o imaginário e o real. Os três registros, ei-los operando no estado puro suas relações mais simples [...] Das imagens faz-se puro jogo de combinações, mas quais efeitos de vertigem são obtidos? Das combinações elabora-se o plano de todo tipo de dimensões virtuais, mas são aquelas que dão acesso à realidade afinal de contas mais segura, a do **impossível subitamente tornado familiar**.<sup>9</sup>

Esta é a hipótese da leitura de Lacan. Quem leu Alice reconhece facilmente a presença reiterada da fórmula “achou tudo muito absurdo, muito esquisito” ou “raríssimas coisas pareciam impossíveis”.

Eis onde localizamos o cerne da experiência com a escrita de Carroll. Virginia Woolf nomeia seu feito como a capacidade de “nos tornarmos criança em sua leitura”,<sup>10</sup> efeito **estranho** dado que é algo que se apagaria lentamente com o tempo, mas que voltaríamos a encontrar “tudo tão estranho, e nada surpreendente”. Posição ainda que Lacan reconhece, desde o sexto ano do seminário, como própria ao “*jeu d’esprit* da experiência da criança de apreensão de um mundo estruturado pela fala”.<sup>11</sup>

Entretanto, para além de uma simples aventura, uma gesta infantil, falamos aqui do elemento central do *nonsense*, elevado a categoria principal, assim como seu correlato lógico, bem expresso no trocadilho de Carroll *sillygisme*, um silogismo besta, traduzido já por *tontogismo*,<sup>12</sup> ou como proponho, por possuir um solo comum à psicanálise, um *chistogismo*.

O mundo de Carroll, bem ilustrado pelo termo *Wonderland* – que manteve aqui no título – não é um mundo da realidade banal, nem um mundo da simples fantasia. Como o próprio nome já diz, é a terra do *wonder*, do questionamento, mas também da admiração e do assombro: campo semântico de *wonder* que a noção de “país das maravilhas” não alcança. A ideia original era nomear este mundo, na primeira Alice, como o “subterrâneo”, *underground* – lembrando que Alice cai na toca do coelho, por um “tempo incontável”. Entretanto, a escolha por *Wonderland*, assim como o *Além do Espelho*, e o *Outro Lado*, dizem de uma escolha que supera as metáforas de profundezas. Chesterton define *Wonderland* como o país habitado por insanos, mas insanos matemáticos.<sup>13</sup>

Os três livros de Carroll que aqui citamos tem neste “mundo outro” um pano de fundo que é o mundo dos sonhos. Não obstante, seria um erro reduzir sua interpretação à chave psicanalítica,

<sup>9</sup> Lacan, J. (1966). Op. cit. p. 8.

<sup>10</sup> Woolf, V. (1939). Lewis Carroll nos mostrou o mundo de ponta-cabeça. Em *News Statement and Nation*. p. 2.

<sup>11</sup> Lacan, J. (1958-59). *Le Désir*. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S6/S6%20LE%20DESIR.pdf>. p. 117.

<sup>12</sup> Montoito, R. (2019). *Lógica e nonsense nas obras de Lewis Carroll*. Pelotas: IFSul.

<sup>13</sup> Chesterton, G. K. (1911). *A Defense of Nonsense and Other Essays*. Nova Iorque: Dodd, Mead & Company.

como vemos reiteradamente entre comentadores,<sup>14</sup> que os interpretam a partir de uma sobreposição à teoria freudiana dos sonhos.

Falamos aqui do trabalho de um lógico. *Wonderland* não é um mundo do puro absurdo, é acima de tudo uma terra lógica. Laclerce, em *A filosofia do nonsense*, nomeia o gênero do *nonsense* com um “gênero paradoxal quem ao mesmo tempo em que subverte uma regra, a sustenta”.<sup>15</sup>

Como diz Montoito: “A lógica do *nonsense* não é apreendida por interpretações automáticas ou mecânicas, mas por torções e contorções de pensamento que se em princípio parece impossível, ao final o leitor pode realizar”.<sup>16</sup> O sentido, em uma acepção ampla, portanto, está presente, mas é um sentido **Outro**, produzido por um sistema fechado em si, cujo princípio podemos retraçar.

Com Deleuze, podemos ainda afirmar que o *nonsense* não é o avesso do sentido, mas um sentido num sistema radicalmente dissemelhante de referência.<sup>17</sup> Em outro momento, o filósofo francês traz o não sentido como o que faz valer o sentido, e o produzindo pelas circulações na estrutura. Portanto, falamos de uma função de **ordem e relação**, uma subversão das convenções linguísticas, temporais, espaciais, éticas e estéticas, convenções aceitas convencionalmente como um dado ordinário de sentido.

No campo da retórica – ou antes de sua técnica – Stewart<sup>18</sup> identifica cinco operações do *nonsense*:

- 1) Reversões e inversões: portanto, inversões de metáfora, discursos que negam a si, movimento entre diferentes níveis de discurso. Encontramos em Carroll o exemplo da noção de “desaniversário”, dou até do pagamento de Humpty-dumpty às palavras pelos serviços prestados.
- 2) Estabelecimento de limites de discurso. Vemos lá, o conselho de Humpty-dumpty para Alice parar de envelhecer aos 7 anos, ou até os modos como os cenários rompem e se alteram a cada movimento do xadrez em *Através do espelho*.
- 3) Jogo com o infinito: com suas repetições e circularidades. Neste, temos ilustrações como o ser “sempre a hora do chá” para os presentes na mesa do Chapeleiro, assim como a corrida de Alice com a Rainha Vermelha, corrida na qual nunca saem do lugar.
- 4) Simultaneidade: operação de paradoxos, trocadilhos, palavras-valise – *portmanteau-words*, categoria estabelecida por Carroll, vale notar – e ambiguidades. Aqui são dezenas de possíveis menções no texto de Carroll, mas poderíamos citar brevemente a questão ao fim

<sup>14</sup> Como ilustrativo, remeto o leitor à posição de Joel Birman em (2016). Inconsciente e desejo na escrita do infantil: uma leitura de ‘Alice no país das maravilhas’ e de ‘A travessia do espelho’, de Lewis Carroll. Em *Revista Tempo Psicanalítico*, 48(2), 47–67.

<sup>15</sup> Leclerce, J.-J. (2016). *Philosophy of Nonsense*. Londres: Routledge. p. 50.

<sup>16</sup> Montoito, R. (2019). Op. cit. p. 35.

<sup>17</sup> Deleuze, G. (1966). *A lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva.

<sup>18</sup> Stewart, S. (1979). *Nonsense: aspects of intertextuality in folklore and literature*. Baltimore: John Hopkins UP.

da primeira Alice, se esta que “sonhava com o rei vermelho ou se ele que sonhava com ela”; a ideia de “bater o tempo”, que acaba recaindo em uma leitura de agredir o tempo; ou ainda todo o poema Jabberwocky.

- 5) Arranjos e rearranjos em um sistema fechado. Todo o Jabberwocky, encontrado em *Através do espelho* é construído nesta base.

Montoito afirma, assim, que o *nonsense* seria como uma “mensagem numa garrafa” que lançamos sem a certeza se a mensagem será recebida pelo interlocutor, nem quando, nem de que forma.<sup>19</sup>

### **O nonsense entre *Sinn* e *Bedeutung***

Dando um passo a mais nessa definição, Lacan enfatiza no *Seminário 12* que o *nonsense* não é o *unmeaning*, enquanto ausência de sentido, ou mesmo não significante, mas estaria mais próximo da ideia de *meaningless*. O argumento lacaniano é que o *nonsense* opera no limite da “aproximação entre o sujeito, enquanto efeito significante, e o sentido que o encarna, de modo evanescente”.<sup>20</sup>

A construção é complexa ainda que seja clara: a proposta de Lacan é que um deslizamento significante produz uma barra como ponto de interrogação sobre o que sustenta tal deslizamento – interrogação que remete à ideia não apenas do significado, como do sujeito que é representado no e pelo encadeamento destes significantes.<sup>21</sup> No nível da barra teríamos um efeito de sentido, que não seria de qualquer sentido. Eis onde a noção de referente como causa – dentro da temporalidade da lógica significante – é convocada aqui.

Lacan afirma que há aqui algo bem presente na experiência psicanalítica: o efeito de sentido não seria um oceano, um mar infinito de significações – que levaria a todo e qualquer sentido –, mas é o que se passa na exata medida onde ela nos revela a barreira do *nonsense* – o que não quer dizer sem significação – e que é a face de recusa que oferece o sentido do lado do significado.<sup>22</sup> Em outros termos, um efeito de sentido se produz no exato momento em que diante de uma articulação significante, se revela a não necessidade de um significado unívoco, no que tem de contingente – referente a uma causa – um dado sentido, em sua íntima ligação ao *nonsense*. Ou seja, falamos de uma lógica não idêntica à lógica da significação. Ou ainda: o *nonsense* é a pura explicitação no campo do sentido da arbitrariedade do sistema significante.

---

<sup>19</sup> Montoito, R. (2019). Op. cit.

<sup>20</sup> Lacan, J. (1964-65). *Problèmes cruciaux*. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S12/S12%20PROBLEMES.pdf>. p. 9.

<sup>21</sup> Ibidem.

<sup>22</sup> Ibidem.

Não seria necessário falar que estamos diante de mais de uma noção de sentido, ou dois sentidos de sentido: o sentido enquanto recobrimento imaginário do discurso, o que poderíamos chamar de sua consistência discursiva, aquilo que pode ser visto como endereçando ao significado e o sentido, enquanto *Sinn*, tal qual definido por Frege. Tomemos esta.

As noções de sentido (*Sinn*) e significação (*Bedeutung*), como trabalhadas por Lacan a partir da definição de Frege,<sup>23</sup> apontam para uma complexificação do entendimento das nuances de linguagem. A significação implica a possibilidade de conceber um sistema de equivalência entre termos distintos: falar “Lacan” ou “Autor dos Escritos”, dizem da mesma ideia, no campo da *Bedeutung*. Mas não quando falamos de sentido: a *Sinn* implica pensar que cada elemento contenha em si um traço diferencial, não sendo idênticos – o que os pós fregeanos nomeiam como uma dinâmica intensiva do termo particular. Eis um ponto que identificamos dialogar com a noção de traço unário e encaminhar a conversa a uma redefinição da categoria de **Letra** no *Seminário 18*. De qualquer forma, fora de um sistema de equivalência, organizados pelo uma lógica puramente diferencial e negativa – como a do significante –, a noção de *Sinn* nos direciona a pensar a forma de expressão, estilo e, mesmo, retórica – elementos tão caros a Lacan. Não sendo idêntico dizer “Freud” e “pai da psicanálise” – aliás, a que serve esse léxico familiarista? –, ou pra remeter a uma anedota da escrita literária: não é a mesma coisa dizer “tenha um bom dia” e “proveite suas próximas 24 horas”.

Temos aqui um campo de disputa no lacanismo: um texto analítico – texto produzido no decurso de um tratamento – não se escreve sem uma remissão à noção de referência enquanto causa. Que um analisante diga “fulano tem o mesmo nome do meu pai”, não abre espaço a que o texto clínico siga com o analista respondendo “ah, *le nom du pere... les non dupes errent*”.<sup>24</sup> A crítica de Lacan é que sem a referência ao campo da causa, todo e qualquer sentido seria possível a um contexto já dado. O que não condiz à experiência analítica, justamente onde o *nonsense* se coloca como uma categoria privilegiada de explicitação da arbitrariedade do estatuto significante, mas como condição do efeito sentido. O *nonsense* viria como a diferença radical e irreduzível no sentido, dos modos de articulação de uma fala. Eis onde Lacan situa Carroll, como um autor que trabalha nas torções lógicas do campo da linguagem, sem recair no completo absurdo.

No sistema fregeano, todo sinal ou nome possui as características de um “nome próprio” e adquire um sentido, ainda que não necessariamente uma *Bedeutung*. A dimensão de um *nonsense* aqui, mesmo que não extensamente tratado por Frege, poderia ser lido como os pontos de recusa de articulação entre a *Sinn* e a *Bedeutung*: estes momentos, segundo Frege, são aqueles em que a

<sup>23</sup> Frege, G. (1892). Sobre o sentido e a Referência. Em *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Edusp.

<sup>24</sup> Por mais fantástico que pareça, é um caso real.

linguagem decola de seu aspecto costumeiro, são produzidos pela suspensão no qual uma palavra se remete à própria palavra – A diferente de “A” –, ou quando é uma citação cuja significação está remetida à **localização** daquele que proferiu uma fala, na dependência de “quem falou”. Se o valor de verdade lógica para uma palavra, sentença ou pensamento, está na sua *Bedeutung* – ponto em concordância com Leibniz –, isso não impede que palavras, sentenças e pensamentos se articulem enquanto sentido, ainda que suspensas da possibilidade da asserção de um pensamento verdadeiro ou falso. Eis, onde o não-sentido seria condição de sentido enquanto aspecto rudimentar da possibilidade de expressão de um sentido.

### **O nonsense entre o *peu-de-sens* (metonímia) e o *pas-de-sens* (metáfora)**

O *nonsense*, portanto, viria como a diferença radical e irreduzível no sentido, dos modos de articulação de uma fala. Eis onde Lacan situa Carroll, como um autor que trabalha nas torções lógicas do campo da linguagem, sem recair no completo absurdo. Enquanto parte integrante do sentido, portanto, o *nonsense* estaria no ponto limite no qual o sentido é criado. Assim como é criado, pode ser anulado, eis o que faria o homem colocar em causa a todo instante seu mundo, sua raiz.<sup>25</sup>

Nesta via, poderíamos retrazar como Lacan reconhece desde o primeiro Seminário que a face radical do *nonsense* é parte integrante de todo sentido, como bem expresso nas ditas manifestações do inconsciente, especialmente dos lapsos ruidosos e os *Witz*. E segue: “Há um ponto em que o sentido emerge, e é criado. Mas nesse ponto mesmo, o homem pode muito bem sentir que o sentido é ao mesmo tempo anulado, que é por ser anulado que ele é criado”.<sup>26</sup>

O jogo com o significante no *Witz*, no limite do *nonsense*, é o que faria o homem colocar em causa a todo instante seu mundo, sua raiz.<sup>27</sup> No *Seminário 5*, por sua vez, o *nonsense* é diferenciado do equívoco, pois nem sempre andam lado a lado. O *nonsense* estaria, melhor dizendo, neste lampejo de passagem de sentido que suspende a compreensão imediata, aturde e sidera. A sideração aqui é própria ao efeito do *nonsense* que nos engana por um instante até que, no espaço do chiste, um sentido possa ser reconhecido em seguida. Podemos dizer que Freud apostava que o *nonsense* se dissolveria após uma investigação associativa, repudiando sua manutenção. Talvez uma diferença com Lacan, como este mesmo chega a insinuar.

Dado este contexto, gostaria de propor uma diferença entre o *nonsense*, a metáfora e metonímia.

<sup>25</sup> Lacan, J. (1956-57). *La relation d'objet*. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S4/S4%20LA%20RELATION.pdf>

<sup>26</sup> Idem. (1957-58). *Les Formations De l'Inconscient*. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S5/S5%20FORMATIONS%20.pdf>

<sup>27</sup> Idem. (1956-57). Op. cit.

Partindo desta última, a metonímia, apesar dela trazer em si, por definição, um apagamento ou redução de sentido, não seria idêntica ao *nonsense*. Mais acurado nomearmos com Lacan como *peu-de-sens*, ou “poucodesentido”. Elemento que no campo do chiste que deixa dejetos no nível da cadeia metonímica, mas que não se realiza plenamente no nível da metáfora. Ela, portanto, serviria a interrogar o Outro, no que se apresenta como parcialização e deslocamento da articulação de linguagem.<sup>28</sup>

Ainda nesta via, a metáfora é tomada por Lacan como um *pas-de-sens*, um jogo de palavras que remete ao “passo de sentido” – enquanto abertura à criação de sentidos, de transposição de campos semânticos – como também *pas-de-sens/não-de-sentido*, enquanto ruptura de uma significação unívoca.

O *nonsense*, nesta trilha, estaria ao lado do que resiste à significação imediata, do que abre ao campo do incompreendido, do desnordeado. Esta sideração na qual a referência ao Outro se abala. O *nonsense*, portanto, seria o avesso da metáfora: um puro jogo combinatório no qual não vemos a criação necessária de sentido, ou seja, de fato, como uma espécie de recusa a essa, uma tensão, uma suspensão nesta hiância.

Sewell<sup>29</sup> reafirma sua lógica como a do  $1 + 1 + 1 + \dots$  na qual não há a possibilidade de soma, ou redução a um coeficiente comum. O essencial do *nonsense* seria evitar a harmonia, mantendo a diferença dos termos em sua irredutibilidade. Não há semelhança, nem contiguidade, mas uma reordenação de termos que não se reintegram em um sistema prévio, mas que produziram a abertura a um sistema Outro.

### Uma pequena proposta topológica

Para uma última volta em nosso argumento, trago uma proposta de articulação com o que trabalhamos no ano passado sobre a topologia dos grafos presentes em “O seminário sobre ‘A carta roubada’”,<sup>30</sup> enquanto continuação de pesquisa.

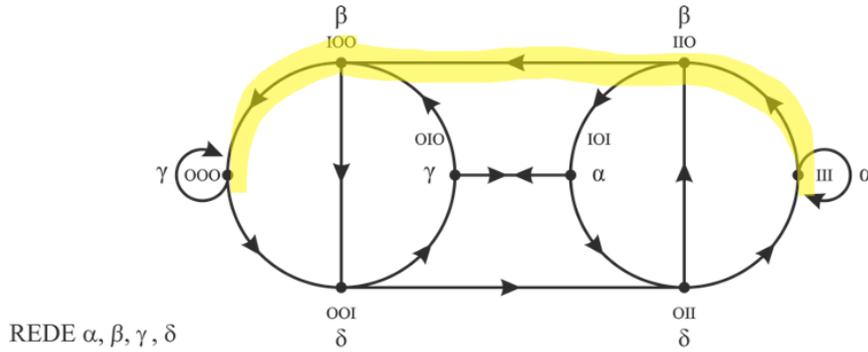
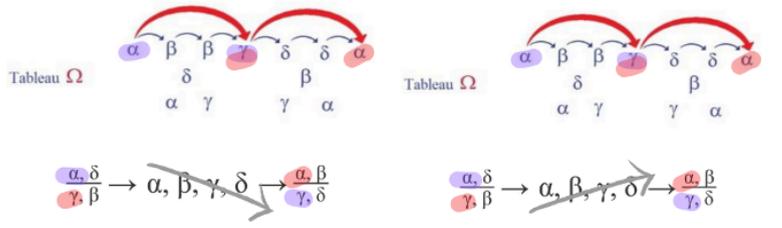
---

<sup>28</sup> Lacan, J. (1957-58). Op. cit.

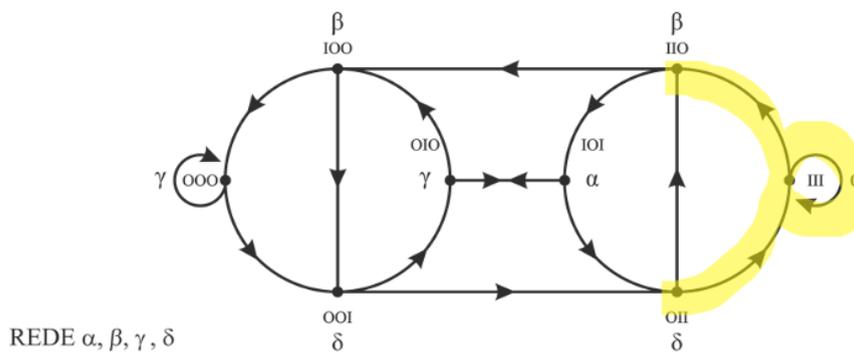
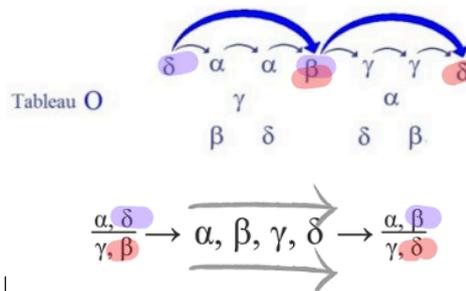
<sup>29</sup> Apud Montoito, R. (2019). Op. cit.

<sup>30</sup> Elementos desenvolvidos no texto “Proposta de leitura da formalização...”. Op. cit.

**METÁFORA**

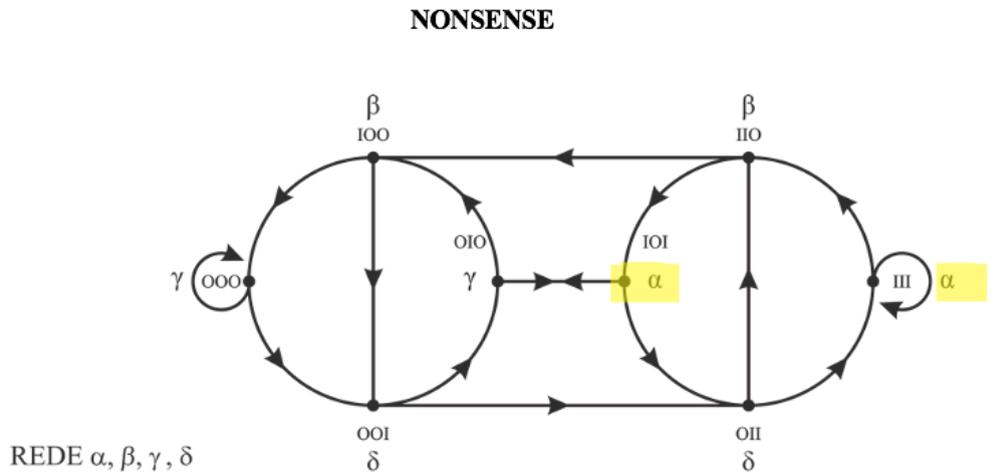


**METONÍMIA**



Encontramos entre o quadro ômega e ômicron diferentes movimentos da cadeia significante em que teríamos um tipo específico de atravessamento entre primeiro e quarto termos. Pensar a metáfora seria pensar um atravessamento da barra, enquanto na metonímia encontraríamos uma modulação no qual o quarto termo não se atravessa. O *nonsense* creio que podemos pensar como

um efeito da disjunção inerente à ambiguidade do significante: que a cada letra grega, se possa considerar mais de uma posição. Portanto, seria tomar o *nonsense* como efeito de uma letra, enquanto estrutura localizada do significante.



O *nonsense* seria se uma letra não se articulasse com a outra sem passar pela tensão interna ao significante. Pensar sua disjunção é pensar diferentes caminhos da rede significante, diferentes movimentos. Pensar o significante além da *Bedeutung*, da significação, é pensar a possibilidade de diferentes leituras e escrituras do texto clínico.

Para finalizar, e comentando uma sugestão de Carina Rodriguez Sciutto em minha apresentação de agosto no seminário central, poderíamos dizer que se toda experiência de análise implica uma relação com a linguagem homóloga a uma aventura pelos cantos mais obscuros de *Wonderland*, este Mundo Outro, mundo da anatomia demoníaca da rede significante e de seu *nonsense* correlato, ela não implica que a todo momento a sideração do *nonsense* deva estar presente. Curiosa e paradoxalmente esta parece um dos encaminhamentos técnicos da clínica milleriana e que levaria a uma grave confusão entre *nonsense* e *unmeaning*. Retomar os meandros deste debate é retomar os fundamentos de articulação entre sentido e não-sentido, no que estes amparam uma clínica pautada em uma via do significante.

## BIBLIOGRAFIA:

1. Birman, J. (2016). Inconsciente e desejo na escrita do infantil: uma leitura de ‘Alice no país das maravilhas’ e de ‘A travessia do espelho’, de Lewis Carroll. Em *Revista Tempo Psicanalítico*, 48(2), 47–67.
2. Chesterton, G. K. (1911). *A Defense of Nonsense and Other Essays*. Nova Iorque: Dodd, Mead & Company.
3. Costa, N. (1970). *Ensaio sobre os fundamentos da lógica*. São Paulo: Hucitec.
4. Deleuze, G. (1966). *A lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva.
5. Domiciano, J. F. (2024). Proposta de leitura da formalização presente nos textos laterais a “O seminário sobre ‘A carta roubada’” - do Repartitório A-Δ à Rede  $\alpha, \beta, \gamma, \delta$ . Em *O rei está nu*, n.º 4.
6. Frege, G. (1892). Sobre o sentido e a Referência. Em *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Edusp.
7. Lacan, J. (1956-57). *La relation d’objet*. <http://staferla.free.fr/S4/S4%20LA%20RELATION.pdf>
8. Lacan, J. (1957-58). *Les Formations De l’Inconscient*. <http://staferla.free.fr/S5/S5%20FORMATIONS%20.pdf>
9. Lacan, J. (1958-59). *Le Désir*. <http://staferla.free.fr/S6/S6%20LE%20DESIR.pdf>
10. Lacan, J. (1964-65). *Problèmes cruciaux*. <http://staferla.free.fr/S12/S12%20PROBLEMES.pdf>
11. Lacan, J. (1966). Homenagem a Lewis Carroll. *Ornicar?*, n.º 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed.
12. Lacan, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.
13. Leclerce, J.-J. (2016). *Philosophy of Nonsense*. Londres: Routledge.
14. Montoito, R. (2019). *Lógica e nonsense nas obras de Lewis Carroll*. Pelotas: IFSul.
15. Pignatari, D. (1968). *Informação, linguagem e comunicação*. São Paulo: Cultrix.
16. Stewart, S. (1979). *Nonsense: aspects of intertextuality in folklore and literature*. Baltimore: John Hopkins UP.
17. Woolf, V. (1939). Lewis Carroll nos mostrou o mundo de ponta-cabeça. Em *News Statement and Nation*.

**JOÃO FELIPE DOMICIANO**

Psicanalista. Pesquisador. Diretor de APOLa São Paulo. Doutor e Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, com estágio doutoral na Université Paris 7. Membro do corpo editorial de *O rei está nu*. Autor de *A anatomia torcida dos mitos: perspectivas da antropologia estrutural à clínica psicanalítica* (2021).

E-mail: [domicianojoaofelipe@gmail.com](mailto:domicianojoaofelipe@gmail.com)